

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA GUERRA EM MOÇAMBIQUE E O PAPEL SOCIAL DA LEITURA NAS CAMADAS INTERDISCURSIVAS DE *TERRA SONÂMBULA* /
*AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE OF WAR IN MOZAMBIQUE AND THE ROLE OF SOCIAL READING IN THE INTERDISCURSIVE STRATUM OF SLEEPWALKING LAND***

*Jarbas Vargas Nascimento**

*Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira***

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a gênese semântica da composição dos universos discursivos na instauração daquilo que chamaremos de redes de *intra* e *extraleituras* construtoras de *interdiscursos* responsáveis pelos sentidos na obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto. Fundamentamos nossa reflexão na Análise do Discurso (AD), sobretudo, de linha francesa, nos preceitos de Maingueneau (2008), no que concerne aos conceitos de *discurso*, *interdiscurso* e *interincompreensão* e nos detemos na análise do discurso da guerra e suas marcas na obra, no plano da enunciação, coenunciação e co-enunciação. Para concluir, observamos que os elementos ausência *versus* presença são os delimitadores da *interincompreensão* para a sustentação

* Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo - Brasil; jvnfl@yahoo.com.br

** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa - PUC-SP, São Paulo - Brasil; rose.carreira@gmail.com

interdiscursiva, em que os interstícios são preenchidos por coenunciadores e co-enunciadores. Referimo-nos aos espaços discursivos, ou seja, *guerra e morte* que geram *a presença* da destruição humana e capital, denotada pelas relações discursivas das *intra e extraleituras*. A análise da interdiscursividade está centrada no objeto literário, sem, no entanto, limitar-se a ele, uma vez que as nuances discursivas efetivamente não estão no texto, mas nas ações de controle e poder empreendidas pelos elementos constituintes da tríade *universo, campo e espaços discursivos*.

Palavras-chave: discurso; universo; campo; espaços; guerra.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the semantic genesis of the composition of the discursive universes in establishing what we call networks of intra and extra-readings, builders of the interdiscourses responsible for the meanings in the work *Sleepwalking Land* by Mia Couto. The reflection is based on the Discourse Analysis (DA), especially from the French trend, from the precepts of Maingueneau (2008) in relation to the concepts addressed by the discourse, interdiscourse and interincomprehension, limiting the analysis to the discourse of war and its traces in the work, in terms of enunciation, coenunciation and the co-enunciation. In conclusion, we observed that the elements: absence versus presence are the delimiters of interincomprehension for the interdiscursive support, in which the interstices are filled by coenunciators and co-enunciators. We refer to the discursive spaces treated in this article: war and death, that generate the presence of human destruction and capital, denoted by means of discursive relations of intra and extra-readings. The analysis of interdiscursivity is centered to the literary object, although it is not limited to it, since the discursive nuances are not actually in the text, but in the actions of control and power undertaken by the constituent elements of the triad: universe, field and discursive spaces.

Keywords: Discourse; Universe; Fields; Space; War.

Introdução

A construção semântica ocorre nas entremezes do enunciado e nas diferentes redes interpretativas formuladas por um coenunciador (eu-tu) e um co-enunciador (eu-ele) no âmbito discursivo, isto é, em uma construção abstrata que remete à formação discursiva, ao gênero, à cenografia, à cena e, sobretudo, à relação entre enunciados. Maingueneau (2008) reconhece o primado do interdiscurso para a análise da rede semântica e a relação indissociável entre ambos. A relação entre as faces discursivas, por sua vez, é delimitada pela alteridade e, nesse sentido, o autor substitui ou divide o *interdiscurso* em três partes: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*.

Partindo dessa perspectiva advinda da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, temos como objetivo principal analisar a gênese semântica na composição dos universos que instauram aquilo que chamaremos de redes de *intra* e *extraleituras* construtoras de *interincompreensões* responsáveis pelos discursos e seus sentidos na obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto.

1 Discurso: o interdiscurso e a interincompreensão

O discurso é, por excelência, a instância em que se armam conflitos, resistências, relações de poder e desejo. Não consiste na tradução dos aspectos da vida social, mas sim, no terreno onde esses aspectos se manifestam e, dessa perspectiva, tem o estatuto de materialidade. Foucault (1998) concebe a formação discursiva como prática institucional e suas condições de produção se dão por uma série de dispositivos identificáveis. A proposição do autor visa ao desmascaramento das intenções do discurso, desvelando seus procedimentos de controle e provocando modificações nas relações de poder.

Segundo esses preceitos, é na interação que se faz política, no sentido estrito do termo; é nela que se alterna o jogo de poder, isto é, a correlação e a disposição de forças no imaginário social. Embasados em Foucault (1998), consideramos as condições de produção do discurso como intrínsecas ao próprio discurso, e não além ou aquém dele. É na própria estrutura da formação discursiva que se pode apreender as intenções do discurso e os termos de seu engendramento. De acordo com o autor, “em toda sociedade a produção do discurso está controlada, selecionada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por

função excluir poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1998, p.34).

Os discursos produzidos num mesmo contexto de uma instituição ou comunidade constituem, por sua vez, as ordens discursivas. Tais ordens são tipos de discursos que, definidos social e temporalmente, circulam interna e externamente em determinada instituição ou comunidade, dialogando também com textos de outras ordens discursivas, em um processo que chamaremos de *interdiscursividade*. As ordens discursivas demonstram a heterogeneidade social e seus elementos compõem redes determinadas por regras e rituais pertinentes ao grupo social. Nesse sentido, sabemos que uma determinada formação discursiva pressupõe seu inverso, de forma a negá-lo por meio de uma posição ideológica divergente, definindo, conseqüentemente, o lugar desse *alter ego* no espaço discursivo.

É nesse aspecto que se instaura a polêmica. Os sujeitos discursivos são integrados pelo discurso agente (aquele que se encontra em posição de tradutor) como simulacro, representado pelos semas – numa semântica do discurso – que definem a grade semântica daquela formação discursiva (FD).

A linguagem é enredada por posições enunciativas quase sempre antagônicas. É por essa razão que se concebe o primado do interdiscurso sobre o discurso, pois o primeiro é o terreno que possibilita o surgimento, a recepção e a circulação do último na FD, ainda que não seja fácil admitir que, para a manutenção de um discurso, é imprescindível a configuração de uma interdiscursividade.

Como aponta Maingueneau (2008, p.19), “é preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, enunciado e enunciação”, ou seja, o discurso em seu caráter processual, de sorte que, para elencar algumas possibilidades analíticas, é preciso considerar hipoteticamente que a relação interdiscursiva ocorre na interação de redes semânticas reguladas por uma *interincompreensão*. Assim, o autor sobrepõe a interdiscursividade ao que Foucault considera discurso e propõe que, para compreender essa rede *interincompreensiva* estabelecida no âmbito enunciativo, é necessário tripartir o discurso em *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*.

Essa tríade organiza-se em camadas, em que *o universo discursivo* corresponde ao macrouniverso. Nele estão inseridas as formações discursivas globais de extensão máxima relacionadas a determinada conjuntura ou temática e, a partir dele, depreendem-se outros domínios delimitados em *campos discursivos*, cujas relações diversas levam à delimitação de *espaços isolados* (MAINGUENEAU, 2008).

Não raro são depreendidos discursos paralelos, transversais ou interstícios que podem contribuir para a circunscrição da semântica global discursiva. Embora o autor os apresente didaticamente de forma hierárquica, nem sempre tais elementos são depreendidos de forma organizada. Em nossa análise, eles aparecem inseridos em universos interpolados, em que

o espaço discursivo é considerado como processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido do enunciado do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno (MAINGUENEAU, 2008, p.99).

Tais definições, conjugadas com a noção de situação de enunciação apresentadas no quadro abaixo¹, servirão de categorias de análise para desmascarar alguns aspectos da interdiscursividade intrínseca ao nosso *corpus* aparentemente literário.

PLANO DO ENUNCIADO ELEMENTAR	Situação de enunciação	Situação de locução
	Enunciador/coenunciador Não-pessoa	Locutor/alocutário Delocutor
PLANO DO TEXTO	Situação de discurso	
	Ponto de Vista Externo	Ponto de Vista interno Cena de enunciação
	Situação de Comunicação	Cena englobante Cena genérica Cenografia

O movimento processual vai do plano elementar do enunciado ao plano textual e vice-versa e, para fins de análise, tomamos o discurso aparentemente literário como ponto de partida da construção das redes discursivas constituintes da interdiscursividade da obra *Terra Sonâmbula*. O discurso literário está fortemente atravessado por outros discursos, denotando aspectos sociais de controle que transcendem os meandros da verossimilhança e de uma realidade inserida na

¹ Adaptado de Maingueneau (2010, p.207).

história das guerras civis moçambicanas para a independência. O fato *guerra civil*, por sua vez, será analisado para a identificação dos aspectos semânticos responsáveis pela *interincompreensão* que leva à compreensão da rede discursiva. Essa rede leva o leitor à adesão e faz da leitura um elemento social de (re)construção. Nesse caso, estamos falando de *leitura da leitura* feita pela personagem Muisinga, considerada como um dos enunciadores, em uma estratégia que ultrapassa os limites do literário e contribui para a co-enunciação em diferentes níveis.

2 Redes discursivas: o *corpus* em camadas, uma análise em paralelo

Terra Sonâmbula é uma obra autor moçambicano Mia Couto e conta a história do menino Muisinga que, em viagem com seu tio Tahir, encontra os cadernos de um outro garoto, o Kindzu, em um *machimbombo* (ônibus) incendiado.

A obra é dividida em *capítulos* e *cadernos* que devem ser lidos em paralelo: os capítulos trazem o enredo do menino Muisinga, suas agruras diante das guerras civis e precariedades pós-independência; e os cadernos são os escritos de Kindzu lidos por Muisinga, quase em forma de diários. A relação entre os títulos de ambos é de paralelismo, de modo que internamente o locutor cria um universo discursivo imanente em que, pela leitura de Muisinga, mantém-se a enunciação, a coenunciação e a co-enunciação internas interseccionadas à enunciação que se constrói entre leitor e leitura.

Essa *intraleitura* contribui para a polarização dos níveis interdiscursivos, no diálogo entre esses níveis e aqueles construídos na *extraleitura*, em que o leitor, ao aderir ao discurso, partilha de algumas concepções e, a partir dela, extrapola para a discursividade consagrada pelo próprio enunciado. Observemos o paralelo discursivo entre capítulos e cadernos:

TÍTULOS-CAPÍTULOS (Muisinga)	TÍTULOS-CADERNOS (Kindzu)
A estrada morta	O tempo em que o mundo tinha a nossa idade
As letras do sonho	Uma cova no tecto do mundo
O amargo gosto da maquela	Matimati, a terra da água
A lição de Siqueleto	A filha do céu
O fazedor de rios	Juras, promessas e enganos
As idosas profanadoras	O regresso a Matimati
Mãos sonhando mulheres	Um guia embriagado
O suspiro dos comboios	Lembranças de Quintino
Miragens da Solidão	Apresentação de Virgínia
A doença do pântano	No campo da morte
Ondas escrevendo estórias	As páginas da terra

Partindo da tríade proposta para explicar a interdiscursividade, consideramos que o livro pertence ao *universo literário*. Todavia, quando analisamos a obra com maior acuidade, percebemos um percurso semântico, cuja temática está pautada em diferentes semas associados à guerra civil e à Independência. Analisando os títulos e as imagens criadas pelo léxico, encontramos campos discursivos que relacionam a *alteridade* entre um *eu* (Muisinga) e o *outro* (Kindzu). De um lado, estão os elementos associados ao campo discursivo da leitura (sonho, solidão, estórias); de outro, os elementos associados ao campo discursivo das recordações e da História (mundo, terra, lembranças), ambos inseridos no *espaço discursivo da guerra*.

Essa constatação insere o discurso no *campo político* em que o espaço discursivo se constrói pelo processo de leitura como descoberta, fruição e conhecimento. Será a leitura feita pela personagem que levará o leitor à adesão do discurso.

A leitura e sua função social não são somente um meio, mas o fim que delinea a construção da interdiscursividade. Dessa perspectiva, o processo de leitura dos cadernos de Kindzu feito por Muisinga funciona como fuga e grito político contra uma situação de extrema *pobreza, fome, medo, racismo, abandono, saudade e solidão*, temáticas observadas em: “Esta segunda infância fora apressada pelos ditados da sobrevivência [...]” (COUTO, 2004, p.10); “[...] A baleia moribundava [...] (COUTO, 2004, p.23); [...] O povo acorreu para lhe tirar as

carnes” [...] (COUTO, 2004, p.23); “[...] os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos [...]” (COUTO, 2004, p.17); “[...] um monhé não conhece amigo preto [...]” (COUTO, 2004, p.24); “Vou lhe dizer uma coisa seus pais não lhe vão querer ver nem vivo (...). Em tempos de guerra filhos são um peso [...]” (COUTO, 2004, p.12); “[...] a gente morre cheio de saudades da vida [...]” (COUTO, 2004, p.31) e “Tahuir, velho perecedor solitário” (COUTO, 2004, p.15).

Essa *intraleitura* revela a realidade africana e leva à construção de outras relações discursivas feitas pela *extraleitura*. Em certa medida, as personagens são enunciadores e enunciatários, e o enunciado segue um percurso paratópico, em que o locutor e o enunciatário se imiscuem, criando múltiplos níveis enunciativos, sendo que um enunciatário interno reflete a *alteridade* do outro no cenário.

O *discurso político* trabalhado com os recursos literários já manifesta o discurso, e o elemento “leitura” pode passar despercebido aos olhos de um leitor comum. Para AD, no entanto, a leitura como refúgio e tema de progressão discursiva não pode ser desconsiderada, uma vez que será a leitura que guiará a construção da cena englobante, da cena genérica e das estratégias interdiscursivas. Na medida em que o leitor descobre os níveis enunciativos constitutivos da cena genérica, ele entra na zona de desconforto de *interincompreensão* em que as vozes dos enunciadores se interrelacionam, mesclando realidades e enunciados do cenário com a cena englobante.

Assim, a enunciação dá-se na cena englobante, em terras austeras, e a cenografia é um diário composto por cadernos que estruturam a enunciação do seguinte modo:

	Situação de enunciação EFEITOS DE SENTIDO	Situação de locução O DITO
PLANO DO ENUNCIADO ELEMENTAR	Na esfera enunciativa, depreendem-se enunciadores internos, cujos discursos são identificados em Muisinga e Kindzu, que, em níveis coenunciativos e co-enunciativos, apresentam a (des)integração da identidade/alteridade de sujeitos sociais na guerra civil moçambicana, condensadas em suas agruras: mortes de crianças e fragmentação de famílias. Além disso, os elementos lexicais e semânticos denotam a interpolação do discurso de poder entre dominadores e dominados. No âmbito político, há características do espaço da guerra no que ela tem de humano e desumano.	Os sujeitos discursivos (locutores internos e alocutários) (re)construem pela escrita e leitura suas histórias de vida e mobilizam a adesão do leitor. Na locução em paralelo, uma leitura apoiada em outra leitura cria camadas discursivas, desvendando valores, ideologias, aspectos geopolíticos e socioculturais de Moçambique, em uma relação de poder e controle.

PLANO DO TEXTO	Situação de discurso	
	<p>Ponto de Vista Externo: os enunciados demonstram a desconstrução do Estado sem uma reconstrução da "emancipação", não alcançada pela ausência de organização sócio-econômica e da consciência política. As camadas interdiscursivas mostradas poderiam, grosso modo, ser assim hierarquizadas: discurso de guerra (fragmentação humana e territorial), discurso da morte (interpretação da vida e das relações por meio das perdas), discurso religioso (presença do místico como organizador social) e discurso literário (busca de identidade nacional e individual (ficção x realidade)).</p>	<p>Ponto de Vista interno: os locutores apresentam a guerra física e ideológica. A obra é encerrada com o discurso de um feiticeiro, grau maior de poder social e alocutário do discurso [...] "foi por isso que fizeram esta guerra, para envenenar o ventre do tempo" [...]. (COUTO, 2004, p.215).</p>
<p>Situação de Comunicação: a enunciação é instaurada pela interface entre os enunciados construídos por um menino (enunciador/enunciário) que foge de sua dura realidade pela leitura da história de outra criança (enunciador/enunciário), também em fuga em busca de liberdade e de repostas. Ambos estão à procura de suas famílias e de sua identidade e, nessa fuga, encontram-se um com o outro e a si mesmos, contribuindo para a enunciação maior em que os meandros da guerra e do universo político de Moçambique se mostram e são atravessados por interdiscursos e intercompreensões que levam à compreensão.</p>	<p>Cena englobante: composta pela narrativa de experiências fictícias mescladas à realidade social;</p> <p>Cena genérica: romance social;</p> <p>Cenografia: um diário, cujas cenas interseccionam-se com a realidade e com a leitura de um leitor real e um pseudoleitor (Muisinga).</p>	

Embora a descrição acima faça parte das redes discursivas apresentadas pela enunciação, as redes interdiscursivas mostram camadas em que a *interincompreensão* é responsável pela construção de sentidos dessa hermenêutica política engendrada na leitura e na literatura. Por sua vez, o léxico denuncia que a guerra não somente é o *Leitmotiv*, é o campo semântico dominante, atravessado pela cultura africana, seus falares e saberes. De algum modo, a co-enunciação denuncia um controle que extrapola os limites da criação literária, permeando toda a obra, em imagens que nem sempre deveriam trazer à baila a guerra. Tanto na leitura feita (Muisinga) quanto na história narrada (Kindzu), encontramos:

- a) [...] “Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada...” [...] (COUTO, 2004, p.9);

- b) [...] “a guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes.” [...] (COUTO, 2004, p.23);
- c) [...] “– Nem isto guerra nenhuma não é. Isto é uma coisa que ainda não tem nome.[...]” (COUTO, 2004, p.111);
- d) “[...] deixai que morra o animal em que essa guerra nos converteu [...]” (COUTO, 2004, p.202);
- e) o discurso final proferido por um feiticeiro (COUTO, 2004, p. 200-202).

Essas *intra* e *extraleituras* servem como suporte controlador da formação interdiscursiva. Em sua esfera de contemplação e fruição como fuga da realidade, a leitura serve como elemento de composição para o discurso apresentado. Será a própria leitura o mote que levará à adesão e aos questionamentos necessários à comparação entre as vidas das personagens e a vida de milhares de pessoas em Moçambique. A leitura da vida da personagem, cuja família falecera, incluindo seu irmão caçula chamado *Vinticinco de Junho*, data da Independência. Essa escolha e as metáforas construídas nos cadernos de Kindzu ressaltam uma postura política deste enunciador. Contribui também para descortinar a fronteira de *interincompreensão* que pode levar ao sentido interdiscursivo proposto por camadas de âmbitos literário e discursivos de controle social, pondo à vista a fragmentação de uma população em meio a um processo bélico para a construção da independência. A alegoria se converte em ideologia. Uma data que deveria representar o povo, passa a representar o lado mais fraco e indecifrável da nação, um mistério a ser perseguido por Kindzu durante suas “des(a)venturas”.

Assim, a *interincompreensão* ocorre em diferentes camadas do plano textual pelo léxico e pela organização discursiva. No plano discursivo, extrapola o âmbito do texto em razão das possibilidades de interrelações entre diferentes campos e espaços discursivos. Em outras palavras, a condição humana do universo africano concretiza e mobiliza a humanidade e a humanização do co-enunciador, entendido como um eu-ele universais. Esse fato justifica a constituição de um interdiscurso que controla o social e participa com múltiplas funções constituintes, inclusive, a social. Com isso, queremos dizer que o desconhecimento da data da Independência e de questões profundas que afloram na enunciação pode levar a uma compreensão limitada no universo discursivo, pois serão justamente as *interincompreensões* mostradas ou descobertas no processo enunciativo que abrirão a possibilidade de

compreensão de características extratextuais que atravessam os diferentes níveis discursivos.

O léxico corrobora para semântica global e superficial: *Rand* (forma popular de nomear a África), *Xipoco* (fantasma), *Matsangas* (designação pela qual são conhecidos os bandidos armados), entre outros. Quando o enunciador os utiliza, denuncia na linguagem o dominador e o dominado. As identidades diluem-se, mas interagem para a compreensão de uma realidade atravessada por credences, ideologias responsáveis por enunciados outros que apresentam o interdiscurso. Assim, no campo *discursivo político*, há *espaços discursivos* de um narrar da *guerra*, da visão de libertação, da violência e da noção de Estado, todos imbricados entre si. Um enunciado induz a outros. Do discurso supostamente literário emerge o político e ambos são atravessados em diferentes níveis por discursos místicos/míticos, socioeconômicos, geopolíticos e socioculturais.

Da *interincompreensão* procede a compreensão formada pelas relações ideológicas de controle e poder contextuais. Nessa direção, Wodak (1989), em seus trabalhos sobre o discurso político, assevera a importância de levar em conta o contexto amplo do discurso para a compreensão das estratégias de controle e poder. O autor divide esse contexto em níveis de entendimento: “o real ou imediato uso de linguagem ou texto, a relação entre enunciados, textos, discursos e gêneros, o contexto extralinguístico sociológico e institucional do discurso; e os contextos sócio-políticos e histórico.” (WODAK, 2001 *apud* WOOFFIT, 2005, p.149).

Embora, para a AD, não haja aproximação irrestrita entre texto e discurso, esses contrastes entre “real” intra e extratextual serve-nos para compreendermos e reiterarmos que não há compreensão possível das relações de poder geradas no interior do interdiscurso sem o estabelecimento de uma análise sob parâmetros em redes, níveis ou categorias desmembradas e multifacetadas, que, nesse caso, têm uma função discursiva e social.

3 Interdiscurso e controle: a função social da guerra

A guerra não serve somente de espaço narrativo, mas também contribui para construção da cena enunciativa e para a compreensão do processo de desfragmentação social, possível gerador da reconstrução. Suas nuances expressam: morte, temor, misticismo, ética, moral e outras características de configuração social.

A morte, por sua vez, é uma temática interna que serve como elemento agregador de interdiscursividade: ela une, de certo modo, todos os outros elementos citados, estabelece relação com os conflitos exteriores e interiores do espaço e do enunciador/co-enunciador e ainda traz para a cena enunciativa elementos místicos e sociais, como se observa nos exemplos a seguir:

MORTE: CONTROLE E PODER MÍSTICO, SOCIAL E POLÍTICO
– E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte (COUTO, 2004, p. 9);
– Venham, são mortos limpos pelas chamas [...] (COUTO, 2004, p.11);
– Os falecidos se ofendem se lhes temos nojo [...] (COUTO, 2004, p.11);
– Alguém de nós vai morrer [...] (COUTO, 2004, p. 18);
– Junhito morrerá , fugira, se infinitara? (COUTO, 2004, p.19);
– consultamos o feiticeiro para saber o exacto da morte de meu pai [...] (COUTO, 2004, p.21);
– deixa a guerra, filho. A morte só ensina a matar [...] (COUTO, 2004, p. 30);
– foi o que fez essa guerra: agora todos estamos sozinhos, mortos e vivos . Agora já não há país. (COUTO, 2004, p. 153);
– Ele morrera na guerra de libertação [...] (COUTO, 2004, p.171);
– Aceitemos morrer como gente que já não somos – último discurso proferido pelo feiticeiro (COUTO, 2004, p. 202).

A morte polariza e controla as atitudes dos cidadãos, perdidos em “terras sonâmbulas”. Eles a interpretam como rastros da guerra, presença espiritual e força da terra. Referindo-se a uma sociedade “primitiva”, Fernandes (1970, p.338) afirma que “a funerária do sacrifício humano constituía uma polarização do processo de recuperação mística; as interdições sociais emergiam das heteronomias mágicas, imanente à necessidade de recuperação mística”.

Fernandes explica ainda que a função da guerra em povos primitivos, “no quadro das relações reais, consiste em promover a distribuição das sociedades humanas no espaço, de maneira a garantir a relação de subsistência nele existente” (1970, p.42). Considerando as sociedades primitivas altamente complexas e de difícil acesso para a compreensão de fatores mais amplos, a guerra, de certo modo, pode associar-se a elementos religiosos, relacionando-se, inclusive, a motivos sociais tópicos.

A sociedade moçambicana mostrada na obra associa o seu viver ao religioso como elemento de poder e de interpretação da realidade. De certa maneira, o campo religioso atravessa toda a obra para compor a visão política que intervém no universo discursivo. Ainda que aparentemente contraditório, é justamente esse antagonismo que mantém a polêmica interna necessária ao discurso e aos diferentes níveis interdiscursivos para a compreensão da guerra civil e da emancipação dessa Nação, explicitando também heteronomias que servem para subsistência.

Marx (2011) trata da guerra civil como um elemento de possível (re)constituição social em que sujeitos se organizam socialmente para reconstituir o Estado numa possibilidade de instauração de um governo independente “do povo e pelo povo”. No entanto, ao escrever sobre a *Comuna de Paris*, sua derrocada sangüinária e os embates, diz que Paris tornou-se “o holocausto de si mesma” (MARX, 2011, p.125) e trata da questão de poder que envolve dominadores e dominados em relação às vidas e patrimônios.

Engels (2011), por sua vez, afirma que a libertação e a construção de um Estado demanda tempo e, dessa perspectiva, a guerra civil somente inverte papéis passando de uma ditadura dominante para uma ditadura de dominados, ou para usar suas palavras, “uma ditadura do proletariado” (2011, p.28). Em se tratando de Moçambique, percebemos que em embates civis há uma inversão do controle discursivo, mas não há, necessariamente, uma inversão da temática discursiva necessária para uma possível reorganização social. Assim, a guerra civil deixa marcas de desagregação da identidade do discurso e dos sujeitos nele envolvidos, mas reitera o embate. No discurso final proferido por um feiticeiro, entre outras coisas, o enunciador reverbera: “Ao invés de combaterem os inimigos, os melhores guerreiros afiarão as lanças nos ventres das suas próprias mulheres” (COUTO, 2004, p.215). Assim, se, em Paris, há um holocausto, em Moçambique, há um holocausto redundantemente caótico, a mesma “ditadura proletária”, vista sob a ótica ampliada da fome e da barbárie.

Para Huizinga (1990), a guerra tal qual um jogo serve como elemento de interação social. Foi o que aconteceu na Grécia e na Idade Média, que apresentavam regras de conduta a serem obedecidas. O autor considera a guerra civil como um jogo caótico que serve para a compreensão da não-regra geradora de novas regras. Todavia, utilizando ainda essa temática, Huizinga (1990) diz que a linguagem é, entre outras coisas, a consciência do ser no mundo, interpretando o mundo como a ordenação dos sujeitos interagindo entre si e com o mundo. Se a guerra tem

momentos de ludicidade, a perda das regras leva também a diluição ou amenização do discurso fundador, de sorte que, se o texto não diz quando nem como começaram os conflitos em Moçambique, tampouco se foram alcançados os objetivos cívicos, o discurso demonstra que ninguém sabe como surgiu, nem a razão ou a finalidade da Independência.

Nossa digressão associada à imagem acima mostra que a guerra controla semanticamente a construção do cenário e da cena, em que a personagem, não por acaso, uma criança, introduz o leitor na incompreensão desse “ser num mundo africano em conflito”. A coenunciação (eu-tu) liga-se à co-enunciação (eu-ele), e isso acontece a partir da busca do enunciador que está inserido na incompreensão do próprio leitor para perscrutar o âmbito interdiscursivo.

Mais que o discurso literário, o interdiscurso político trava um embate, cria a polêmica que sustenta a enunciação em todos os âmbitos sociais: a desagregação familiar, a animalização humana e a violência. Alterando espaço físico e social, impõe nova demografia, alternando fronteiras.

Vincent (2011) afirma que as relações entre guerra e fenômenos demográficos devem ser entendidas sempre sob dois aspectos básicos, no mínimo: os efeitos da guerra sob a população e a influência da conjuntura demográfica sob a gênese do desenvolvimento da guerra.

Conclusão

Para concluir, observamos que os elementos ausência *versus* presença são delimitadores da *interincompreensão* para a sustentação interdiscursiva, em que os hiatos são preenchidos por coenunciadores e co-enunciadores. Referimo-nos aos espaços discursivos da *guerra e morte* que geram a *presença* da destruição humana e capital, mostrada, na locução, pelo léxico e pelas imagens e, na enunciação, pelas relações discursivas das *intra e extraleituras*. Essas relações geram a *ausência* de elementos essenciais para a “emancipação” presentes na interação entre alocutários e na enunciação preenchida pelas relações semânticas estabelecidas entre coenunciador e co-enunciador. Para compreender o universo discursivo, ambos buscam, em outros universos, relações semânticas que possibilitem extrapolar a mera construção metafórica ou literária.

A análise da interdiscursividade está centrada no objeto literário, no entanto, não se restringe a seus limites, uma vez que as nuances discursivas efetivamente não estão no texto, mas nas ações de controle e poder empreendidas pelos elementos constituintes da tríade *universo, campo e espaços discursivos*.

Portanto, afirmamos que este *corpus* poderia ser tratado como *corpora* inseridos no *universo político* e admitimos que a leitura em seu interior não somente exerce seu papel funcional e social, mas também serve como elemento formador do próprio discurso.

Em última análise, a enunciação constrói-se em camadas, cujos *espaços* principais são a *guerra* e, conseqüentemente, a *morte* arraigada por valores socioculturais e misticismos que controlam e organizam o poder social. Assim, entre elocução e enunciados conseguimos depreender *a guerra* como elemento de busca e descoberta de si e do outro, como jogo, desconfiguração de uma nação em busca de si e do outro. Se a nação está “sonâmbula”, pode estar parcialmente desperta, mas não inteiramente, na medida em que transforma o processo político num holocausto de si mesmo, conforme Marx (2011).

A polêmica gerada e controlada pela morte e pela guerra civil traça a *interdiscursividade* entre espaços sociais ficcionais e reais, apoiada nas interincompreensões promovidas pela *intra* e *extraleituras* que relacionam ficção e realidade.

Referências

- COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ENGELS, Friedrisch. Introdução à Edição de 1891. In: MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p.5-28.
- FERNANDES, Florestan. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 1970.
- FOULCAUT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 1998.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Sémantique de la Polémique*. Suíça: Edition L'Age D'Homme, 1983.

NASCIMENTO, J. V; CARREIRA, R. A. R. Uma análise do discurso...

_____. *Gênese dos discursos*. Campinas: Parábola, 2008.

_____. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. Campinas: Parábola, 2010.

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

VINCENT, Paul. Guerre et Population. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/prescript/article/pop_0032-4663_1947_num_2_1_1160.pdf>. Acesso em: 02 Jan. 2011.

WODAK, Ruth (Org.) *Language, Power and Ideology: Studies in Political Discourse*. Amsterdam: Joh Benjamins, 1989.

WOOFFIT, Robin. *Conversation Analysis and Discourse Analysis: A Comparative And Critical Introduction*. London: Sage Publication, 2005.

Recebido: 22/04/2013

Aprovado: 25/05/2013